

Em Memória

A 2 de novembro de 1955, na batalha travada em Nitzana contra os invasores egípcios, tombou nosso companheiro Itzhak S. Babsky, o primeiro dentre nós a cair diretamente na luta militar. Pelo significado para a comunidade e pela recordação pessoal, escreveu-se esta complementação, acrescentada quando nosso livro já estava impresso.

Há um lugar, em Bror Chail, sobre o qual não falamos: Uma colinzinha, a última da série de elevações nas quais se ergue o kibutz, a sueste, a cavaleiro sobre a planície. O cemitério de Bror Chail.

A três de novembro de 1955 acompanhamos o entêrro de nosso companheiro Isaaquinho Babsky, membro do Corpo de Paraquedistas (comandos) do Exército, caído na ação militar da noite anterior, quando nossas tropas expulsaram o exército egípcio entrincheirado em território israeli, em Nitzana, no Neguev.

O entêrro, triste e solene. Companheiros do kibutz, das colônias da vizinhança, do exército. Como guarda de honra, o destacamento de Isaaquinho, duas filas de rapazes jovens, a boina vermelha do corpo de elite, os paraquedistas-comandos; perfilados, armas apresentadas, lágrimas correndo pelos rostos. Fôra a primeira ação do destacamento, a primeira vitória sob o fogo; junto, a primeira perda.

Três salvas de tiros, o caixão que baixa, os companheiros que enchem a tumba de terra, o "Kadish": "Engrandecido e santificado o nome do Senhor..."

Às 10 da noite lançaram-se nossas tropas ao ataque. O inimigo, muito bem entrincheirado; uma metralhadora egípcia pesada, num lugar particularmente perigoso, varria de balas tôdo a linha, dificultando o avanço de nossas tropas. Pediram-se quatro voluntários para atacá-la e destruí-la. Entre os quatro, apresentou-se Isaaquinho. Lançaram-se para a frente. A alguns metros do ninho inimigo, um soldado egípcio, já ferido, caindo, conseguiu alcançá-los com uma

rajada de metralhadora de mão, de baixo para cima. As balas de baixo atingiram o companheiro ao lado de Isaaquinho, que caiu ferido, as balas de cima atingiram Isaaquinho — uma no peito, outra no pescoço. Os outros dois acabaram com a posição inimiga. Isaaquinho expirou após alguns minutos. Tinha 18 anos de idade.

Palavras do comandante do destacamento, à beira do túmulo:

“...Vidas jovens que quiseram viver, e viver não lhes foi dado... Nem do matar, nem do ser morto, queremos nós fazer uma profissão. Mas quando houver que ir, iremos, pois será o único caminho que nos permitirá viver...”

Palavras do companheiro do kibutz:

“...Em volta de nós, apenas o silêncio, em nossos corações, apenas sua memória. Construir um país, para nós e nosso povo, eis o que aqui viemos fazer. Uma terra onde pudéssemos viver como homens e como judeus. Mas isto, para desgraça nossa, exigiu que se elevasse sacrifícios, a paz em holocausto à própria paz, e em seguida, a vida em holocausto à própria vida. Seja esta terra, porém, com a qual juramos hoje um pacto de sangue, seja esta terra nossa e de nossos filhos, para o todo e sempre...”

No semi-círculo silencioso dos homens do *Shaar Haneguev*, os membros dos kibutzim da fronteira, repassa o “Kadish”. Nos rostos e nos corações, o tributo de honra ao companheiro que caiu, e também consciência, determinação, certeza. Consciência de que o abalo da desgraça não os dobra, mas apenas enrijece, determinação de que nem um passo sequer se arredará, pague-se o que se pagar, certeza de que o sonho pelo qual mais um tombou, sonho de paz, não de guerra, iluminará ainda o caminho dos homens.

No semi-círculo silencioso dos homens de Bror Chail, a consciência grave e enlutada da nova maturidade alcançada, do último preço, o maior, pago. Na recordação, o tributo de honra a todos os que já cairam em nosso caminho, na guerra e na paz, nas aras da defesa e nas aras do trabalho:

ABRAHAM DAGUR
IOSSEF WEISMAN
WERNER FELDMAN

ARIE KORENFELD
PEDRO VARNAI (KOSTOF)
ITZCHAK S. BABSKY